

Cinema
de
Arte

promoção

organização

direção

do

Acervo Digital

Walter

da

Silveira

Clube de Cinema da Bahia

28 - Agosto - 1965

“ O SALÁRIO DO MÊDO ”

(“Le Salaire de la peur”)

FICHA TÉCNICA

Realização	— Henri-Georges Clouzot
Argumento e original	— Georges Arnaud (do seu romance)
Adaptação e diálogos	— H.-G. Clouzot
Cenografia	— René Renoux
Fotografia	— Armand Thirard
Música	— Georges Auric
Interpretação	— Yves Montand, Charles Vanel, Vera Clouzot, Folco Lulli, Peter Van Eyck, Williams Tubbs, Dario Moreno, Jo Dest
Produção	— 1953.

● Palma de Ouro do Festival de Cannes de 1953

Tendo estudado direito e ciências políticas, Henri-Georges Clouzot não parecia destinado ao cinema, quando em 1931, com vinte e quatro anos, começou a colaborar nos argumentos e diálogos de alguns filmes inexpressivos. Entre 1932 e 1938, dirigiu a versão francesa de várias fitas alemãs, tornando-se depois assistente de direção, na própria Alemanha, de Anatole Litvak e E. A. Dupont. De volta à França, também voltou a argumentista-dialoguista, sobretudo de enredos policiais. E foi com uma intriga desse tipo, «L'assassin habite au 21», que em 1942 se iniciou na direção. Nem seria muito diferente o caráter de «Sombra de pavor» (Le corbeau), com que, em 1943, atingiu uma grande notoriedade: «pintura áspera, violenta, de uma certa vida provinciana», o filme lhe valeu a interdição para o trabalho após a Libertação, sob a suspeita de que essa sátira dos «costumes franceses» realizada ao tempo da ocupação trazia a marca do colaboracionismo. Só em 1947 pôde retornar ao trabalho cinematográfico, de novo com um drama criminal, «Crime em Paris» («Quai des orfèvres»), brilhante e denso na sua investigação psicológica. «Manon» afastaria Clouzot dessa trilha em 1948, com trechos medíocres se alternando com excelentes, numa modernização do velho tema do abade Prevost. Também «Miquette et sa mère» seria uma comédia, embora, ao que se criticou, sem nenhuma graça.

Talvez o fracasso desse filme de 1949 tivesse conduzido Clouzot ao Brasil, se antes não fôsse o seu casamento com uma brasileira, Vera Amado. Veio com o propósito de filmagem. Mas, as dificuldades burocráticas o desesperaram. Do Rio de Janeiro passou à Bahia. Aqui, no Rio Vermelho, morou alguns meses. E de retorno à França, levou um livro de certo êxito, «Le cheval des dieux», espécie de reportagem sobre o que viu e pensou sobre nós.

«O salário do medo», sem dúvida o seu melhor filme, foi o primeiro que realizou na volta, vindo mais tarde «As diabólicas» em 1954, «Os espiões» em 1957, «Le mystère Picasso» em 1955, «A verdade» em 1960. Pelo que se vê, sempre na rota policial, embora «Le mystère Picasso» seja um documentário de arte e «O salário do medo» uma análise social, não obstante sua aparência de suspense.

Adaptado de um romance, «Le salaire de la peur» contraria os defensores do «cinema puro», pois em nenhum instante acusa sua origem literária. Essa epopéia do medo, além de um estilo rigorosamente cinematográfico, traz toda a marca singular de Clouzot. O gosto da violência, da brutalidade, da eficácia, explica, para Pierre Kast, a forma corante do filme, seu roteiro sem um tempo morto, essa avalanche de gol-

pes minuciosamente calculados para que a força da cena seguinte faça esquecer a precedente.

«Imagem inesquecível da atrocidade do mundo», «**O salário do medo**» é bem mais do que o relato antiheróico dos motoristas do caminhão carregado de nitroglicerina. Define-se como uma visão social dos homens divididos entre os representantes da ordem do petróleo e os «**nativos**» e «**lumpen-proletários**» que os cercam e lhes servem. Tôda a primeira metade do filme reflete a situação em que se encontram os personagens do futuro drama. Praticamente, não há ação durante essa metade: apenas, uma preparação preliminar para os acontecimentos. Realista feroz, Clouzot nada esconde das relações dos seus heróis, até as mais inconfessáveis. Sendo um grande narrador cinematográfico, sua **mise-en-scène**, se tem uma virtuosidade técnica que às vêzes parece gratuita, possui uma exatidão matemática na construção de cada sequência. Ademais, seu poder de elipse é tão forte quanto sua apreensão dos detalhes: se a explosão, e a morte, no primeiro caminhão nos chega tão-só com o apagar e desaparecer de um fósforo no segundo caminhão, todo o episódio da ponte nos vem com a lentidão minuciosa de uma sobrecarga de angústia e ansiedade.

Revisto doze anos depois de seu grande prêmio em Cannes, qual será a permanência de «**O salário do medo**»? Henri-Georges Clouzot é um cineasta que passou ou a ser sempre lembrado?

PRÓXIMOS PROGRAMAS:

- 4 de setembro — «**Os Primos**», de Claude Chabrol
- 11 de setembro — «**Acossado**», de Jean-Luc Goddard